



[HTTP://FUTURO9.BLOGSPOT.COM.BR/2010/08/NOITES-DE-ARTES-CUBANA-E-LATINO.HTML](http://FUTURO9.BLOGSPOT.COM.BR/2010/08/NOITES-DE-ARTES-CUBANA-E-LATINO.HTML)

3

A MÚSICA E OS SAPATOS

Quando fui morar na França, me dei conta do tamanho da nossa música popular. Ela é a grande forma de manifestação artística do Brasil. Nossas artes plásticas, nossa literatura, nossa música clássica são pequenas diante de nossa música popular.

Em Cuba, sinto o mesmo e muito mais. Os cubanos são, verdadeiramente, um povo cantante e dançante. Por todo lado, a música ecoa e suponho que o apoio dado ao aprendizado musical, nessas décadas de socialismo de Estado, contribuiu muito para valorizar essa dimensão da vida nesta ilha.

No final do dia, não há pequeno bar, *bodeguita*, restaurante popular ou sofisticado de onde a música não ecoe, encantando quem passa e nos dando aquela vontade de sair dançando.

Nisso os cubanos e nós brasileiros nos parecemos. Bem, nós brasileiros é um exagero ou um jeitinho de uma paulista querer ser um pouco carioca ou um pouco nordestina, porque nem todos nós brasileiros temos, de fato, o samba no pé.

É difícil falar da música em Cuba sem se fazer referência ao visual cubano, porque cantar e dançar é tão bom para os cubanos, que fico com a impressão que eles se vestem para isso, mesmo se estão improvisando numa esquina qualquer.

Todo meu imaginário sobre o que seria o visual caribenho se confirma e se contradita estando aqui em Cuba. As vestes sumárias e o apreço às cores vibrantes são notáveis e correspondem à confirmação desse imaginário, mas há o que o nega: os arremedos do visual

estadunidense, num país em que o ódio por eles não é apenas resultado do trabalho ideológico do Partido Comunista, mas das carências materiais que resultam do embargo norteamericano à pequena economia desta ilha.

O que estou chamando de arremedo do visual estadunidense? O mesmo jeito de se vestir que encontramos no Brooklin em Nova York, mas tudo muito mais exagerado: os homens com seus tênis super enfeitados, camisetas muito desenhadas, óculos escuros com muito prateado ou então com a armação em branco; as mulheres com saias curtíssimas e, apesar do calor, com suas meias calças, geralmente pretas (as do tipo arrastão, as super desenhadas, as coloridas), um pouco de tintura aloirada nos cabelos, muita bijuteria de plástico colorido, flores no cabelo e as muito jovens com roupas colantes e sintéticas decotadíssimas.





O branco é uma espécie de preferência nacional e, segundo informaram, isso tem a ver com a força que o Candomblé mantém na ilha, como herança africana.

Tudo isso, portando vários dos símbolos do consumismo ocidental, da hélice estadunidense da Nike, ao jacaré da Lacoste e ao D&G da italiana Dolce e Gabana: por toda a Cuba, estão as boas e as péssimas imitações nas vestimentas deste povo alegre.

Essa americanização exacerbada, colocando a Cuba atual no começo do século XXI, combina-se com a permanência de uma nostalgia que deve advir da Cuba dos cassinos e dos shows para “inglês ver” dos anos de 1930 a 1950, porque vários dos cantores dos muitos grupos musicais que ocupam a cidade com seu som, que torna Havana

uma festa, usam sapatos sociais de bico fino, alguns deles de verniz, quando não preferem os sapatos brancos. Meu Deus, há quanto tempo não via homens com sapatos brancos? Nem mesmo os médicos os usam mais no Brasil.



As mulheres, não importa se cantando ou simplesmente andando por uma rua comercial às 9h00 da manhã, preferem os saltos altos. Se as sandálias forem bem coloridas, brancas ou douradas, melhor ainda.





Não, leitor, não pude fotografar todos os sapatos e seus donos, como desejei, porque daria muita “bandeira”, mas fiz apenas alguns registros para mostrar como a Cuba de hoje sincretiza muitos tempos. Não como passado e presente que se justapõem, mas como passados e presentes, no plural, que se articulam e revelam todas as contradições de uma sociedade, comandada por um Estado forte, que vive justamente agora a sua transição, não se sabe bem, ainda, para onde.

Se não, como explicar que um morador de uma das decadentes moradias da Havana Vieja possa, ao mesmo tempo, tocar maravilhosamente trompete, como resultado da educação musical que o socialismo lhe propiciou; vestir uma clássica calça azul marinho surrada e brilhosa de tanto ser amaciada pelo ferro de passar ano após ano; combiná-la com um camiseta em que se grafa em letras brilhantes e grandes o C e o K de Calvin Klein, refletidos nas lentes espelhadas de seu Ray Ban de aros brancos? Como explicar esse visual que é arrematado pelos pares de sapatos que tanto me impressionam: uma mistura dos elegantes com os quais Fred Astaire dançava na chuva e os exagerados que me faziam morrer de rir, aos sete anos, quando no auditório da TV Record via o Arrelia entrar no palco?

Isso mesmo, não exagero, o apreço dos cubanos cantantes pelos sapatos de bico fino me fizeram lembrar o Arrelia e gostar ainda mais dessa vida musical que envolve a cidade de Havana.

Julho de 2011

Carminha Beltrão